

# EDUCAÇÃO POPULAR E ESTUDOS FEMINISTAS: *problematizando a produção de tecelãs*

AMANDA MOTTA CASTRO<sup>5</sup>

## RESUMO

Este texto traz algumas reflexões tendo como base nossa pesquisa de doutorado, que está em andamento. Nosso olhar é sobre Educação Popular, feminismo, artesanato e a invisibilidade da produção das mulheres. Buscamos compreender como ocorre o processo pedagógico invisível da tecelagem manual na cidade de Resende Costa, em Minas Gerais. O artesanato é uma atividade desenvolvida pelas pessoas mais pobres do mundo. Entre essas pessoas, encontramos as mulheres, que são a maioria no artesanato, sobretudo quando esse artesanato está ligado ao fio, renda, bordado, costura, crochê, tricô e tecelagem. Nesses fios, encontramos uma produção predominantemente feminina, que é rica em técnica, conhecimento e arte. Para Richard Sennett (2009), a habilidade artesanal requer um alto grau de aprendizagem. Com base nessa afirmação, compreendemos que na produção artesanal existe pedagogia. O feminismo aponta que a tecelagem é realizada, sobretudo, pelas mulheres e, por esse motivo, perde muito de seu valor social e reconhecimento. A Educação Popular aponta que as pedagogias desenvolvidas às margens das instituições formais de ensino são socialmente menos reconhecidas e, segundo Danilo Streck (2010), é tarefa da Educação Popular o trabalho de desvelamento dessas pedagogias. Neste texto, propomo-nos a travar um diálogo entre o feminismo e a Educação Popular, pois entendemos que tal diálogo abre caminho para o (re)conhecimento de uma produção que tem conhecimento, mas que está socialmente invisível.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação Popular, feminismo, gênero, artesanato.

---

5. Mestra em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e doutoranda em Educação pela mesma instituição. Bolsista CAPES. Assistente de pesquisa do Programa Gênero e Religião da Faculdade EST. Tem-se ocupado em pesquisar os processos de produção do conhecimento realizados por mulheres tecelãs, a fim de analisar a complexidade da aprendizagem nesse contexto em articulação com a Educação Popular e os estudos feministas. Contato: motta.amanda@terra.com.br.

## **ABSTRACT**

This text brings some reflections based on our doctorate research, which is still being carried out. Our perspective relies on Popular Education, feminism, handcraft and the invisibility of women's production, and we seek to comprehend how the invisible pedagogical process of manual weaving happens in the city of Resende da Costa in Minas Gerais. Handcraft according to is an activity developed by the poorest people in the world, among these people we find women who are the majority in handcraft, especially when this handcraft is related to thread, lace, embroidery, crochet, knitting and weaving. On those threads, we find a production predominantly feminine, which is rich in technique, knowledge and art. To Richard Sennett (2010), the handcraft ability requires a high level of learning, based on that statement we understand that in the handcraft production there is pedagogy. Feminism points out that weaving is done mostly by women and for this reason it loses much of its social value and acknowledgement. Popular education points out that pedagogies developed on the margins of formal teaching institutions are socially less acknowledged and, according to Danilo Streck (2010), it is the task of Popular Education the unveiling of these pedagogies. In this text, we prompt to engage in dialogue with feminism and Popular Education, since we understand that this dialogue opens a way to the (re)acknowledgement of a production which has knowledge, but that is socially invisible.

## **KEYWORDS**

Popular Education, feminism, fender, handcraft.

## **A TECELAGEM MANUAL E OS LUGARES DESTA PESQUISA**

Este texto apresenta a pesquisa de doutorado, já qualificada, intitulada *Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: a formação de tecelãs mineiras*. A pesquisa está em andamento e é realizada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos/RS). O objetivo principal da pesquisa é compreender e discutir como ocorre o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual no município de Resende Costa, no estado de Minas Gerais.

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), no Brasil existe cerca de cinco milhões de pessoas trabalhando com o artesanato, o que representa 0,5% do PIB.

A cidade de Resende Costa pertence à Região das Vertentes, no interior do estado de Minas Gerais, sudeste do Brasil. Tem área total de 631.561 km<sup>2</sup> e está localizada a 186 km de Belo Horizonte, a capital mineira. Criada em 30 de agosto de 1911, a cidade, assim como a maior parte de Minas Gerais, foi colonizada por portugueses. No local, há uma biblioteca municipal, que empresta livros para a comunidade, mas não há cinema nem teatro. A cidade conta com um semáforo, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça, duas farmácias e 98 lojas de artesanato. Como fica evidente nessas informações, Resende Costa vive do artesanato. É a tecelagem manual que fornece trabalho para os habitantes, tanto de forma direta como indiretamente. Os pequenos restaurantes, postos de gasolina e bares da cidade sobrevivem por conta dos turistas, que vão à cidade para comprar peças de tecelagem nas lojas e também nas casas.

O artesanato têxtil desenvolvido nessa pequena cidade mineira vem de longa data. A princípio, essa produção era feita a fim de garantir o suprimento de utensílios para casa. Segundo relato das tecelãs mais velhas da cidade, a tecelagem começou a ser feita para a venda por volta de 1950. Essa foi a forma que as mulheres encontraram para terem dinheiro e, ao mesmo tempo, ficarem em casa para cuidar da família e dar conta do trabalho doméstico. Desse modo, passaram a ensinar o trabalho de tecer a suas filhas, netas, bisnetas, para que estas também tivessem um “dinheirinho” e pudessem ficar cuidando da casa.

Na cidade, onde se acorda com o barulho dos teares, o emprego para os homens estava cada vez mais difícil. Em decorrência disso, as mulheres resolveram ensinar a atividade para os homens. Hoje, temos uma cidade em que a produção da tecelagem manual envolve homens e mulheres de todas as idades. Entretanto, as mulheres são as que mais tecem, e em suas mãos encontra-se o processo de ensino e aprendizagem da tecelagem manual.

## **CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA PENSAR A PRODUÇÃO ARTESANAL**

Brandão (2007) afirma que ninguém escapa da educação. Em diversos lugares e espaços, ela está presente na vida de mulheres e homens e nos acompanha durante toda a vida. Por muito tempo, a educação foi pensada segundo a lógica tradicional.

Paulo Freire denuncia essa lógica e busca romper com ela. Para ele, a educação é sempre um ato político. Freire defende que o ato educativo seja pautado na formação crítica dos educandos(as), o que ocorre por meio da problematização, da Leitura do Mundo, com o objetivo de levá-los ao que ele denomina de “processo de conscientização”. Uma educação que acontece na relação de homens e mulheres entre si, mediada pelo mundo.

Segundo José Romão (2008), não existe “a educação” na concepção de Freire, mas educações, ou seja, formas diferentes de homens e mulheres partilharem seus saberes, partilharem o que são. Por esse princípio, podemos pensar a educação em diversos espaços, como o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido em Alvorada e em Resende Costa.

Sem dúvida, Freire abre no Brasil e na América Latina a discussão e a possibilidade sobre a educação não formal. Logo, a discussão entre educação formal e não formal está posta no bojo das discussões acadêmicas, talvez porque as fronteiras entre elas sejam tênues (CUNHA, 2010).

A educação formal inclui as práticas educativas realizadas em ambientes de ensino com a devida certificação. Ela é desenvolvida em escolas, universidades, com conteúdos demarcados, currículo e avaliação. Na educação formal, os espaços são os do território das instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais do Ministério da Educação.

A educação não formal é entendida como aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização e é desenvolvida por meio de valores e culturas próprios, de pertencimento e sentimentos. Essa educação é ensinada e aprendida ao longo da vida. Seu aprendizado é diferente daquele que ocorre na escola “formal”, pois acontece “no mundo da vida”, mediante processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Nessa perspectiva, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais não formais de ensino. Essa educação é constituída por todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, de forma permanente e não organizada (TORRES, 1992).

## CONCLUSÕES PARCIAIS

Em seu livro *O artífice*, Richard Sennett (2009) aponta que devemos desconfiar dos supostos talentos inatos. O autor afirma que a habilidade artesanal requer um alto grau de aprendizagem. Logo, ao olharmos um trabalho de tecelagem, como uma colcha bem tramada com suas diversas cores e formatos, podemos afirmar que a artesã aprendeu a técnica e a arte dos teares.

Para Sennett (2009), são necessárias 10 mil horas de experiência para termos uma artesã qualificada. Portanto, quando falamos em artesanato, estamos falando de horas de estudo, mesmo que esse processo não seja formalmente reconhecido.

Na cidade onde acordamos com os barulhos dos teares e olhamos as lojas cheias de turistas comprando os produtos, os quais são feitos, muitas vezes, no quintal

das casas, pode passar despercebido o fato de que existe um processo de ensino e aprendizagem da técnica de tecer.

O processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pelas mulheres tecelãs nos lugares dessa pesquisa ocorre por meio de uma pedagogia não formal e se dá, sobretudo, no cotidiano. Em Resende Costa, esse processo é desenvolvido em casa: as mulheres mais velhas ensinam suas filhas, filhos, netas, durante as atividades do dia a dia.

De acordo com Sennet, “a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente” (2009, p. 57). Essa separação histórica levou os homens a ficarem com o trabalho “da cabeça” e as mulheres com o trabalho “das mãos”, pois no imaginário popular o trabalho com as mãos é menos complexo e exige menos qualificação (KERGOAT, 2011).

Compreendemos que para o (re)conhecimento da produção artesanal, realizada pelas mãos de pessoas que aprenderam a técnica dos fios, é pertinente o diálogo entre Educação Popular e feminismo. A pertinência vem do fato de a Educação Popular trabalhar para o desvelamento das pedagogias desenvolvidas às margens das instituições formais de ensino e que, por esse motivo, são socialmente menos reconhecidas (STRECK, 2010). O feminismo, por sua vez, trabalha para politizar o privado e o cotidiano (GEBARA, 2008; DORLIN, 2009) e, com base nesse contexto, afirma que no cotidiano existe conhecimento.

Baseado nesse diálogo – entre Educação Popular e feminismo –, nossa pesquisa busca visibilizar o invisível. Por meio da denúncia de que a sociedade patriarcal inferioriza o conhecimento das mulheres, buscamos o reconhecimento de que entre os fios existe conhecimento. Com base nisso, queremos tornar compreensível, na prática, que não existem saberes maiores, mais importantes ou mais significativos, mas saberes diferentes (FREIRE, 2001 e 2003), cuja hierarquização foi construída socialmente.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CUNHA, Aline Lemos. *Histórias em múltiplos fios: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) – (re)inventando pedagogias da não formalidade ou das tramas complexas*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2010.

DORLIN, Elsa. *Sexo, género y sexualidades: introducción a la teoría feminista*. Buenos Aires: Claves, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GEBARA, Ivone. "As epistemologias teológicas e suas consequências". In: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

KERGOAT, Prisca. "Ofício". In: HIRATA, Helena; LABORIE, Franloise (orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2011.

MACEDO, Concessa Vaz de. "A indústria têxtil, suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: uma reavaliação". *Varia Historia*, vol. 22, n. 35, jan./jun., 2006.

ROMÃO, José. "Educação". In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

STRECK, Danilo. "Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre Educação Popular e movimentos sociais". *Revista Brasileira de Educação*, vol.15 n. 44, mai./ago., Rio de Janeiro, 2010.

TORRES, Carlos Alberto. *A política da educação não formal na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.